**SOROPOSITIVIDADE DE *LEISHMANIA SPP.* EM ANIMAIS SILVESTRES.**

**Kevin Caio Richardson Pereira dos Santos1\*, Gabriella Rocha Franca2, Fernanda Luiza Cruz Machado2, Giovana Maria Xavier Dias3, Déborah Vitória Sena Gomes Lima1, Jéssica Carneiro Rocha1 e Karen Stephanie Sebe Albergaria4.**

*1Graduando(a) em Medicina Veterinária – UFRPE – Recife/PE – Brasil – \*Contato:kevcaiosantos@gmail.com*

*2Graduanda em Medicina Veterinária – UniBH –Belo Horizonte/MG – Brasil*

*3Graduanda em Medicina Veterinária – UFMG – Belo Horizonte/MG – Brasil*

*4Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias – UFRRJ – Seropédica/RJ - Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A leishmaniose é classificada como uma antropozoonose, doença com sentido de transmissão animal-homem, causada, com maior impacto no Brasil, pelos protozoários *Leishmania chagasi* e *Leishmania infantum*, pertencentes à família Trypanosomatidae. É classificada de acordo com a sua manifestação clínica, podendo ser visceral ou tegumentar6.

A raposa (*Cerdocyon thous*) é considerada hospedeiro natural da *Leishmania* spp. Há, também, registros de soropositividade do parasito em diversas outras espécies de mamíferos silvestres, sendo assim, considerados os principais reservatórios9.

Os humanos integraram o ciclo de transmissão como hospedeiro acidental, em virtude da proximidade com mamíferos da fauna silvestre em decorrência da ação antrópica na degradação ambiental6.

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre a ocorrência da leishmaniose em animais silvestres.

**MATERIAL E MÉTODOS**

Foram utilizados, para a presente revisão de literatura, artigos disponíveis nas plataformas virtuais Google Acadêmico, Teses USP, Repositório Institucional UNESP, PUBMED, Repositório Internacional FIOCRUZ, utilizando as palavras-chave: “Leishmaniose” e “animais silvestres”. Os artigos utilizados foram publicados durante o intervalo de 2003 a 2018.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Os casos de leishmaniose ocorriam, com maior frequência, em animais silvestres e em regiões rurais. Porém, os impactos ao meio ambiente permitiram que o vetor migrasse para o meio urbano, e assim, integrar ao seu ciclo os animais domésticos e humanos. Desta forma, nos dias de hoje a transmissão também ocorre em ambiente rural e periurbano8.

No Brasil, as principais espécies do vetor transmissor da Leishmaniose são o *Lutzomyia longipalpis* e *Lutzomyia* *cruzi7*, também conhecidos pelo nome popular de Mosquito palha.

O ciclo reprodutivo do mosquito é beneficiado pelo acúmulo de matéria orgânica e água no ambiente, somente as fêmeas são hematófagas, pois necessitam de sangue para o desenvolvimento dos ovos. Desta forma, durante o repasto sanguíneo, o hospedeiro parasitado transmite o protozoário ao vetor, que, em sua próxima alimentação, irá infectar um animal saudável3.

Os casos em fauna silvestres são mais incidentes devido à preferência dos flebotomíneos por locais em que estes animais estão presentes. As características escolhidas para reprodução destes artrópodes englobam parte da flora pertencente à mata. Locais com umidade, matéria orgânica em decomposição e pouca incidência de luz chamam a atenção para o desenvolvimento das larvas7.

No Brasil, os grupos de silvestres comumente infectados são: roedores, marsupiais, primatas e carnívoros7. Dentre os marsupiais, o gambá de orelha branca (*Didelphis albiventris*) é generalista de habitat e atualmente ocupa áreas perto de habitações, incluindo fazendas, pátios e centros urbanos2. Esta espécie foi incriminada como reservatório da *Leishmania* spp. e, por seus hábitos sinantrópicos, desempenha um papel importante no tráfego peridoméstico-florestal de áreas degradadas1.

A relação entre o parasito e o hospedeiro, em silvestres, ocorre de maneira equilibrada, já que os hospedeiros são reservatórios assintomáticos*6.* São escassos os relatos sobre manifestações clínicas da Leishmaniose. Porém, existe registro de sinais clínicos apresentados por canídeos silvestres no Zoológico de Belo Horizonte, MG5.

O diagnóstico para Leishmaniose pode ser realizado por meio de exame parasitológico direto, pela visualização do agente em esfregaço sanguíneo, do xenodiagnóstico, do isolamento em meio de cultura, detecção molecular e sorológica8. Somente o diagnóstico clínico não é indicado devido à ausência de sintomas6.

Em virtude disso, Humberg realizou um estudo com animais recepcionados e mantidos em cativeiro no Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS) de Campo Grande, MS, no Centro de Triagem de Animais Silvestres da Universidade Federal de Viçosa, MG (CETAS-UFV) e no Zoológico da Universidade Federal do Mato Grosso, MT (ZOO-UFMT). Onde 101 animais fizeram o teste para *Leishmania* spp*.*, do total de animais examinados, 48 apresentaram resultados positivos para *Leishmania* spp. em pelo menos uma técnica de testagem utilizada, independente de sexo e idade. Houve positividade tanto em animais procedentes da zona urbana (cerca de 46,57%), quanto em animais mantidos em cativeiro (cerca de 53,57%). Em especial, observou-se um índice de 40,74% de ocorrência de Leishmania em Gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), que é apontada como a espécie de silvestre com maior ocorrência em ambiente periurbano, tendo maior proximidade ao homem4.

Sendo assim, a migração de animais soropositivos, assintomáticos ou não, para o ambiente urbano, em virtude da degradação ambiental, possibilita uma maior ocorrência de casos da Leishmaniose em humanos e animais domésticos, representando um problema de saúde única6.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que é necessária a realização de maiores estudos acerca da presença da *Leishmania* spp. em animais sinantrópicos, sobretudo, os silvestres. De modo que, permita o conhecimento eficaz para definição de medidas de controle da Leishmaniose, visando à promoção da saúde única. Vale ressaltar que, a leishmaniose representa um grave problema de saúde pública, devido à crescente ocorrência de novos casos que são notificados anualmente em diferentes países, requerendo uma constante vigilância epidemiológica por parte dos órgãos sanitários. Além disso, urge a necessidade de adoção de medidas de controle à degradação ambiental por ação humana, já que a mesma se caracteriza como força motriz para o surgimento e ocorrência de antropozoonoses.

**APOIO**